

## O Brasil nas cartas de *Carlos & Mário*

Cesar Garcia Lima\*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[cegali@gmail.com](mailto:cegali@gmail.com)

**Resumo:** A correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade é um território fértil de debate sobre criação literária, nacionalismo e identidade desses escritores brasileiros, lida neste artigo como textos íntimos convertidos em *literatura*. O diálogo epistolar é analisado como instrumento de comunicação da esfera do cotidiano, apontado por Mikhail Bakhtin, na qual se exercita a *escrita de si* estudada por Michel Foucault. O diálogo epistolar emerge como espaço criativo em que se discutem as propostas estéticas dos primeiros anos do Modernismo brasileiro, entre 1924 e 1930, constituindo documentos nos quais os autores exercitam a amizade e exercem a crítica sobre seus próprios trabalhos, sobretudo poemas. Se essa primeira fase do Modernismo retoma o nacionalismo romântico como ruptura, como propõe Antonio Candido, é também pretexto para um dos mais profícuos conjuntos de textos epistolares sobre a escrita literária no Brasil.

**Palavras-chave:** Cartas – Modernismo – Crítica – Nacionalismo – Identidade

### Brazil in the letters of Carlos & Mário

**Abstract:** The correspondence between Carlos Drummond de Andrade and Mário de Andrade is a fertile territory for debate about literary creation, nationalism and identity concerning the two Brazilian writers. Their letters are read in this article as intimate texts converted into literature. The epistolary dialogue is analyzed as an instrument of communication from the sphere of everyday life, as pointed by Mikhail Bakhtin, in which is exercised the *self writing* studied by Michel Foucault. The letters emerge as a creative space in which can be discussed the aesthetic proposals of the early years of Brazilian Modernism, between 1924 and 1930. They constitute documents in which the authors exercise friendship and criticism about their own work, especially their poems. If this first phase of Modernism resumes romantic nationalism as disruption, what is proposed by Antonio Candido, it is also a pretext for one of the most fruitful sets of epistolary texts about literary writing in Brazil.

**Keywords:** Letters – Modernism – Criticism – Nationalism – Identity

---

\* **Cesar Garcia Lima** é doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É poeta (*Águas desnecessárias*; 1997; e *Este livro não é um objeto*, 2006) e jornalista. Atualmente realiza pesquisa de pós-doutoramento sobre literatura brasileira contemporânea na UERJ, com bolsa de estudos da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

A discussão sobre a correspondência entre dois escritores brasileiros modernistas torna indispensável situar o lugar no qual a carta se localiza em relação à própria linguagem. Neste artigo, elaborado a partir da tese de doutorado “Modos de ser poeta brasileiro nos anos 1920: uma leitura do diálogo epistolar de *Carlos & Mário*”, defendida em 2011 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, prevalece como proposta a leitura das cartas iniciais de Carlos Drummond de Andrade (CDA) e Mário de Andrade (MA) como literatura, na década de 1920, constituindo um intercâmbio que investiga a criação e a crítica literária, o nacionalismo e a identidade dos autores.

Como base da pesquisa foi utilizada a edição da correspondência completa entre os autores, intitulada *Carlos & Mário* (2002). Levando-se em conta que a visão de Mário sobre o período abordado é privilegiada na pesquisa acadêmica brasileira e pela profusão de comentários deste autor, este artigo procura investigar também a perspectiva crítica de Carlos diante dos impasses da época. Durante o período abordado da correspondência, Carlos mora a maior parte do tempo em Belo Horizonte e também em Itabira, Minas Gerais, onde nasceu. Mário reside em São Paulo, ainda que viaje em alguns momentos pelo Brasil.

A carta é uma das mais maleáveis manifestações do discurso escrito, prestando-se a diversas funções públicas e particulares desde a Antiguidade. Da perspectiva linguística de Bakhtin (2006), manteve-se aqui a noção de que a carta, como escrita pertencente ao gênero primário, está inserida nos diálogos do cotidiano, no qual a estrutura retórica consagrada pelo modelo epistolar de Bolonha se mantém de modo mais ou menos livre, variando conforme a criatividade dos interlocutores. Observe-se que, desde suas primeiras referências em textos antigos, é grande a maleabilidade de seu uso formal e informal, como um modelo entre os gêneros do discurso primário e que se presta ao discurso secundário, ao ser apropriada literariamente.

Carlos tomou a iniciativa de começar a correspondência com Mário após ler uma de suas cartas para o escritor mineiro Martins de Almeida, em 28 de outubro de 1924, seis meses depois de tê-lo conhecido no Grande Hotel de

Belo Horizonte, junto à comitiva modernista que visitou Minas durante a Semana Santa. O jovem autor elogia as ideias de Mário e sua “força desabusada” (C&M 40), enviando em anexo um artigo pouco elogioso a Anatole France, respeitável influência na época. A literatura produzida no Brasil é, desde o início do contato por escrito, um dos focos de interesse:

Estou convencido que a questão da literatura no Brasil é uma questão de coragem intelectual. Ou por outra: é preciso convencer-se a gente de que é brasileiro. E *ser* brasileiro é uma coisa única no mundo; é de uma originalidade delirante. Não confundir com nacionalismo. Aliás, você sabe disso melhor do que eu (C&M .40).

No trecho citado, Carlos, além de se dirigir a Mário, parece exercitar o solilóquio, tentando convencer a si mesmo da “originalidade delirante” de “ser brasileiro”. A resposta do escritor paulista, ao mesmo tempo provocativa e amistosa, elogia o artigo e identifica as influências de que o jovem Carlos, ao que tudo indica, ainda não tinha se dado conta:

Está muito bom [o artigo]. Mas nele ressalta bem o que falta a você – *espírito de mocidade brasileira*. Está bom demais pra você. Quero dizer: está muito bem pensante, refletido, sereno, acomodado, justo, principalmente isso, escrito com grande espírito de justiça. Pois eu preferia que você dissesse asneiras, injustiças, maldades moças que nunca fizeram mal a quem sofre delas. Você é uma sólida inteligência e já muito bem mobiliada... à francesa. Com toda abundância do meu coração eu lhe digo que isso é uma pena. Eu sofro com isso. Carlos, devote-se ao Brasil, junto comigo. [...] Nós temos que dar ao Brasil o que ele não tem e que por isso até agora não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil e para isso todo sacrifício é grandioso, é sublime. [...] Escrevo língua imbecil, penso ingênuo, só pra chamar atenção dos mais fortes do que eu pra este monstro mole e indeciso que é o Brasil. Os gênios nacionais não são de geração espontânea. Eles nascem porque um amontoado de sacrifícios humanos anteriores lhes preparou a altitude necessária de onde podem descortinar e revelar uma nação (C&M 50).

Ao tomar iniciativa dessa correspondência, Carlos já conhecia Oswald de Andrade desde 1923, depois de ter feito uma crítica no *Jornal Diário de Minas* sobre “Os condenados”, e de ter recebido um agradecimento direto do autor paulista. Ao visitar Belo Horizonte tempos depois, Oswald procurou por Carlos (C&M.43). No entanto, essa aproximação não levou o autor mineiro a

procurar Oswald como *referência* no Modernismo paulista ou mesmo como colega no ofício da literatura. Carlos também já mantinha contato por carta com Manuel Bandeira que, poucos dias antes, em 21 de outubro de 1924, tinha lhe escrito sobre a questão nacional:

Pensando bem, creio que fundo estão todos [Graça Aranha e Oswald de Andrade] de acordo e o problema é enquadrar, situar a vida nacional no ambiente universal, procurando o equilíbrio entre os dois elementos [primitivismo e universalismo]. O Mário de Andrade, que me parece ser o nosso maior poeta atual e o segundo grande poeta brasileiro (o primeiro foi Castro Alves) parece ter resolvido o problema nos seus últimos poemas, sobretudo no “Noturno de Belo Horizonte”, que é todo o Brasil, ou pelo menos, um pedaço enorme de Brasil, sentido com larga emoção por um espírito de alcance e de cultura universais (BANDEIRA In: C&M, 44).

A leitura da carta de Manuel Bandeira ao jovem mineiro faz pensar que a iniciativa de Carlos ao procurar Mário tem forte influência do poeta pernambucano e que a discussão sobre nacionalismo antecede, no meio literário brasileiro, o aprofundamento que mereceu na correspondência dos autores aqui estudados. Carlos, dessa maneira, já tinha uma recomendação a respeito de Mário como alguém que já tinha resolvido o “problema” de “situar a vida nacional no ambiente universal”.

Havia, sendo assim, desde o início, uma expectativa por parte de Carlos em relação ao *retorno* a ser dado em carta por Mário, na perspectiva deste como uma influência, o que faz pensar na teoria de Harold Bloom (2002), segundo a qual um poeta é influenciado por um autor renomado que o precedeu, em certa medida o imita e, de alguma maneira, o supera.

A intencionalidade de perseguir uma identidade brasileira se manifesta claramente nesse primeiro período da correspondência de Mário e Carlos, no qual o primeiro instiga o segundo a: 1) “dedicar-se ao Brasil”; 2) abandonar o passadismo e a influência francesa, aderindo ao Modernismo. Hobsbawm (2004 24-56) explica que, nas línguas românicas, a palavra “nação” é vernácula, mas que a identificação nacional “não é tão natural a ponto de preceder a história”. O autor esclarece que o conceito de nação moderna é uma novidade e não é uma entidade social originária ou imutável, reflexão

partilhada neste artigo. Assim, a discussão da correspondência de Carlos e Mário tem como pano de fundo a questão crucial apontada por Hobsbawm , a partir do ideário de Renan: “O que é uma (ou a) nação?”

Iniciada em 1924, depois da Semana de Arte Moderna e com a atuação das vanguardas europeias em pleno vigor, o nacionalismo discutido por Carlos e Mário se dá sob o signo da transformação, mesmo que os autores nem sempre tenham isso sob perspectiva. Chama atenção a importância que a discussão sobre o nacionalismo tinha para a personalidade cultivada de Mário que, com sua produção artística e intelectual, pretendia compor um trabalho que fizesse parte dessa nação moderna, por mais incipiente que isso parecesse no Brasil dos anos 1920. O escritor paulista propõe a Carlos deixar os traços simbolistas para trás, adotando uma generosidade maior para com o Brasil que pulsava fora dos livros, como descreve Silvano Santiago:

Mário aclara sua arte poética ao descrever a gênese do poema “Carnaval carioca”. O poeta tinha se deixado contaminar pelo espetáculo do folião negro carioca; neste se combinam arte e espírito religioso (ou seja: vida, felicidade). Mário não é niilista. O não-modelo só pode se propor como modelo se for capaz de dar a conhecer ao discípulo o comportamento dum terceiro, que afinal é o verdadeiro modelo. Este é a negação do que Mário é na realidade. Mestre e discípulo, na negatividade, passam pelo mesmo processo de desinstrução. Este, no entanto, só é positivo ao adquirir as formas autênticas de instrução (SANTIAGO. In: *C&M* 15)

Como observa Antonio Candido (2006), ao retomar o nacionalismo, despertado no Brasil durante o período romântico, o Modernismo o faz como ruptura, em busca de autonomia que diferenciase o Brasil de sua origem portuguesa. Não há mais o indianismo paternalista dos românticos, que europeizava a imagem indígena (vide *O Guarani*, de José de Alencar, publicado em 1857), as deficiências brasileiras passaram a ser colocadas como superioridades, retomando o primitivismo pré-colonial. Para Candido, “o nosso Modernismo importa essencialmente, em sua fase heroica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária” (CANDIDO 126-7). O autor avalia que o movimento artístico caracteriza-se por um “sentimento de triunfo, que

assinala o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal”, relegado ao esquecimento, “e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do Modernismo na dialética do geral e do particular” (CANDIDO 126).

Candido, defendendo a ideia de que a cultura brasileira é regida pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, chama atenção para a ação modernista no sentido de se afirmar diante das vanguardas europeias, ainda que esta fosse por elas influenciado. É, assim, identificada na atitude libertária dos modernistas brasileiros um “desrecale localista” (129) como sinônimo de assimilação da vanguarda europeia.

### **O fantasma da influência francesa**

Em sua primeira resposta para Carlos, datada de 10 de novembro de 1924, Mário aceita a correspondência com o jovem autor, mas incentiva o debate, elogiando a “sólida inteligência” de Carlos, ainda que “muito bem mobiliada... à francesa” (C&M .50). Seu tom generosamente crítico não pode ser confundido com condescendência em relação à falta do que chama de “espírito de mocidade brasileira” (50). Mário, que sairia do Brasil apenas nas fronteiras do Peru e da Bolívia, já tinha, a essa altura, uma noção bastante definida do que o país significava para ele.

Ao analisar o nacionalismo literário na América Latina sob a perspectiva do paradoxo, Leyla Perrone-Moisés adverte que depois da conquista da autonomia política restaram ainda a dependência econômica e outra “[...] ainda mais insidiosa porque incorporada: a dependência cultural, vivida pelos latino-americanos como uma fatalidade, na medida em que a cultura e as próprias línguas que lhes restaram foram as do colonizador.” (PERRONE-MOISÉS 36).

Aponta-se, nesse caso, como “as literaturas latino-americanas foram forçadas, desde o início, a enfrentar a questão identitária, a se debater entre as instâncias do Mesmo e do Outro” (PERRONE-MOISÉS .29). A autora mostra essa atração pela França, da qual participava Carlos, como um dos paradoxos da complexa relação entre as literaturas latino-americanas, destacando algumas justificativas para isso. Entre elas, especifica que justamente “a

França não foi nossa colonizadora histórica, e isso permitiu todas as idealizações a respeito” (37), o que é bastante significativo, levando em conta que o país manteve sua influência cultural sobre o Brasil, de maneira relevante, pelo menos até a década de 1950. Outro motivo apresentado pela autora é a França ter representado, no século XIX, “a pátria da Revolução e da Liberdade, que escolhemos como opostas às metrópoles ibéricas” (37), destacando que as próprias metrópoles espanholas e portuguesas estavam afrancesadas.

Em sua resposta a Carlos, Mário renegou a “adesão francesa” do amigo, mas não deixou de reconhecer nele mesmo, em outra ocasião, traços da influência europeia: “Me sinto branco, fatalizadamente um ser de mundos que nunca vi” (ANDRADE, M. *apud* PERRONE-MOISÉS 36). Em tom mais irônico, Jorge Luís Borges também declarou em uma conferência em Paris: “Sou um europeu nascido no exílio” (BORGES *apud* PERRONE-MOISÉS 31).

No famoso artigo “Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de nacionalidade”, de 1873, Machado de Assis já ligava o nacionalismo à afirmação literária: “A juventude literária, sobretudo, faz deste ponto uma questão de legítimo amor próprio” (ASSIS 801). Ao perceber que o instinto de nacionalidade da literatura brasileira ultrapassara o Romantismo, Machado observa que uma literatura, “sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam” (ASSIS 804).

Machado constata que, “interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto material de inspiração”, mas ao mesmo tempo observa que “esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga” [...]; não será obra de uma geração nem duas [...] (801). O escritor - para quem a passagem do tempo destacou a abordagem universalista de sua obra - reconhece “as tradições de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães”, mas não sucumbe a uma atitude de negação do passado, sem censurar os poetas coloniais, mesmo que destacando “o mau gosto dos poetas arcádicos” (801-2). Machado aproxima-se de um “nacionalismo com perspectiva universal”, ainda que isso incluísse uma contradição em termos. Essa perspectiva, nos anos 1920, perpassará as cartas

de Carlos e Mário, mesmo que não seja referência direta. O Indianismo de Gonçalves Dias é valorizado por Machado, por chamar atenção para a história e os povos pré-coloniais, ressaltando que “não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, [...] apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração” (ASSIS 803).

José Luís Jobim (2008) observa que a postura crítica de Machado de Assis se alinha ao texto de Borges, intitulado “O escritor argentino e a tradição”, publicado no século seguinte, onde se lê que “a ideia de que uma literatura deva se definir pelos traços diferenciais do país que a produz seria relativamente nova, como também seria nova e arbitrária a ideia de que os escritores devam buscar temas de seus países” (BORGES *apud* JOBIM 96). Mesmo em séculos e pátrias diferentes, Machado e Borges confluem na concepção de que para ser um autor brasileiro ou argentino não é preciso “seguir o chavão da *cor local*” (96). Ainda assim, o uso desse recurso é um item comum ao processo de elaboração da nacionalidade na América do Sul e em outros lugares.

Nos primeiros anos do Modernismo brasileiro, discutir os limites sobre como a literatura brasileira deveria abraçar a causa nacional consome várias páginas das cartas de Carlos e Mário. Carlos inicia o contato de uma maneira reverente, enquanto o escritor paulista o inclui de imediato no que poderia ser chamado de *grande diálogo epistolar* sobre o Brasil, que ele já mantinha com outras pessoas, em especial escritores.

Na resposta à carta de Mário, carta 3, de 10 de novembro de 1924 o poeta mineiro expõe seu “desajuste”, para usar termo adotado por Silviano Santiago na introdução ao livro *Carlos & Mário*, (24). Escreve Carlos na carta:

Reconheço alguns defeitos que aponta no meu espírito. Não sou ainda suficientemente brasileiro. Mas, às vezes, me pergunto se vale a pena sê-lo. Pessoalmente, acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados. Tenho uma estima bem medíocre pelo panorama brasileiro. Sou um mau cidadão, confesso. É que nasci em Minas, quando deveria nascer (não veja cabotismo nesta confissão, peço-lhe!) em Paris. O meio em que vivo me é estranho: sou um exilado (C&M 56).

Ainda que a *confissão* da admiração pela mentalidade francesa tenha rendido muitos comentários críticos de Mário, um trecho da carta de Carlos dá a dimensão do que iria frutificar entre eles, tendo Manuel Bandeira como referência.

O que nós todos queremos (o que, pelo menos imagino que todos queiram) é obrigar este velho e imoralíssimo Brasil dos nossos dias a incorporar-se ao movimento universal das ideias. Ou, como diz Manuel Bandeira, “enquadrar, situar a vida nacional no ambiente universal, procurando o equilíbrio entre os dois elementos” (C&M 57).

Em trecho posterior, Carlos justifica seu espírito dividido entre o que chama de “apertado dilema”: “O nacionalismo convém às massas, o universalismo convém às elites” (C&M 60). O escritor mineiro se mantém atento aos argumentos de Mário, mas, no geral, não é um seguidor puro e simples da opinião do paulista.

Ao tentar chegar a um consenso sobre o que é nacionalismo, Mário de Andrade contrapõe, em carta de 1924, sem data, que “não há oposição entre nacionalismo e universalismo”:

O que há é mau nacionalismo: o Brasil pros brasileiros – ou regionalismo exótico. Nacionalismo quer dizer: ser nacional. O que mais simplesmente ainda significa: Ser. Ninguém que seja verdadeiramente, isto é, viva, se relacione com seu passado, com as suas necessidades imediatas práticas e espirituais, se relacione com o meio e com a terra, com a família etc., ninguém que seja verdadeiramente, deixará de ser nacional (C&M 70).

Eduardo Jardim (2005), no livro *Mário de Andrade – A morte do poeta*, analisa o período em que o escritor passou no Rio de Janeiro, entre 1938 e 1941, fazendo um inventário das filiações estéticas de Mário, esclarecendo muitas de suas influências, nem sempre esclarecidas na correspondência com Carlos. A partir de *Romantismo musical* e *O artista e o artesão*, textos de Mário sobre música, Jardim demonstra que Mário, desde os anos 1920, vinha pesquisando preceitos sobre *atitude estética*, conceito que remonta a autores do século XVIII, como Kant e Schiller.

Por meio da atitude estética, que converte a técnica a uma perspectiva materialista, Mário de Andrade pretendeu liquidar toda forma de individualismo. Isso era possível porque as iniciativas do artista eram subjugadas pela força da matéria. Todo tipo de autointeresse era anulado em um procedimento que envolvia a destruição do eu (JARDIM 81-2).

A gênese da atitude estética de Mário transparece nas cartas escritas a Carlos e na quase obsessão por uma identidade nacional, instigando o poeta mineiro a uma *tomada de posição*. “Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo pra fase de criação” – diz Mário (C&M 71). Ele “acusa” Carlos do “mal de Nabuco”, que nada mais é do que os suspiros tardios pela civilização francesa. A inflamada resposta de Carlos sobre o Brasil ganha primeiro plano:

Voltemos à realidade brasileira, nua e crua (Oh! Tão crua!) que você transfigura, e que eu ainda não posso aceitar. “Moléstia de Nabuco”, eis, excelentemente expresso, o meu mal. Será incapacidade congênita, será má vontade, será hipocrisia, será estupidez, mas não sei, não posso achar o remédio do Brasil. Cheirando a nacionalismo, acabou-se: eu protesto. Devido ao mau nacionalismo, como você supõe? Não sei se haverá bom ou mau nacionalismo, principalmente em literatura. Como fazer com esta o que já se fez com a pesca: nacionalizá-la? Como obrigar as inteligências a situar a sua atividade na paisagem mais ou menos restrita da sua pátria? Uma pátria é um acaso como os outros, ou, como você lindamente diz de Belo Horizonte: “uma tolice como as outras”. Como dizer a um escritor: escreva brasileiro se deseja ser? Um dia, eu *serei*, e acabou-se... Se não *for*, é porque sou um cretino irremediável, e de nada me valerá recorrer aos enternecimentos patrióticos (C&M, 77-9).

Na carta seguinte, Carlos dá sinais de arrefecer sua rebeldia (“Sou hoje brasileiro confesso. E graças a você, meu caro!”) e envia o recorte de um artigo para Mário (supostamente, “Poesia brasileira”, publicado no *Diário de Minas* em 17 de outubro de 1924, no qual elogia os experimentos modernistas). Mário, por conta de problemas no estômago, só retoma a discussão sobre nacionalismo em 18 de fevereiro de 1925, em um tom veemente, no qual

esclarece sua relação com a pátria, dizendo que sua intenção é “criar uma linguagem *culta* brasileira” (C&M 101), colocando-se como alguém que não é mais artista: “Minha arte, se assim você quiser, tem uma função prática, é originada, inspirada dum interesse vital e pra ele se dirige. [...] Minha arte aparente é antes de mais nada uma pregação. Em seguida é uma demonstração (C&M 103).

Mário não se furta de comentar as mudanças que Carlos fez em seus poemas anteriormente enviados, em especial “Nota Social” e “Passa uma aleijadinha” (que o poeta terminou por não incluir em *Alguma poesia*), prometendo recomendar alguns para a revista *Estética*, publicada no Rio de Janeiro. No caso de “Nota Social”, Mário chama de “ignomínia” (C&M 100) uma alteração do primeiro verso feita por Carlos (“O poeta chega na estação.” se convertera em “O poeta chega à estação.”). À sua maneira polida, mas veemente, Mário critica a importação da gramática praticada em Portugal, em atitude condizente com a política literária da Semana de Arte Moderna, aproveitando para discorrer sobre sua “aventura” de “estilizar o brasileiro vulgar”. Na verdade, aconselha a exclusão de galicismos, como a inclusão de artigos definidos, indefinidos ou pronomes possessivos, o que soa bastante pertinente na busca por um texto sem excessos. O autor paulista, no entanto, entra em desacordo com a proposta estilística de Carlos, mesmo que este não se mostre fechado à discussão. O tom usado por ele é o do manifesto, tão caro às vanguardas europeias e que também chega ao Brasil pelo viés dos modernistas:

Não pensem vocês, aí de Minas, que sou um qualquer leviano e estou dando por paus e por pedras sem saber bem o que estou fazendo. A aventura em que me meti é uma coisa séria já muito pensada e repensada. Não estou cultivando exotismos e curiosidades de linguajar caipira. Não. É possível que por enquanto eu erre muito e perca em firmeza e clareza e rapidez de expressão. Tudo isso é natural. Estou num país novo e na escuridão completa da noite. Não estou fazendo regionalismo. Trata-se de uma estilização *culta* (grifo do autor) da linguagem popular da roça como da cidade, do passado e do presente (C&M 100).

Carlos e Mário apresentam nessa primeira fase uma confluência de propósitos, o que pode ser comprovado por artigos do autor mineiro no *Diário de Minas*, para o qual colaborava desde 1921, escritos no período anterior ao início da correspondência. A atitude do escritor mineiro, no entanto, reflete a postura de quem quer amadurecer seus próprios pontos de vista estéticos antes de aderir ao Modernismo. O que se percebe em Carlos, através das cartas, é que, à parte sua admiração por Mário, não aceitava passivamente tudo o que o paulista lhe propunha.

Em 1925, a inquietação do grupo de escritores mineiros, integrado por CDA, levou à publicação de um veículo que procurava traduzir o caráter diferenciado de suas ideias: assim, surgiu *A Revista*, impressa nas próprias oficinas do *Diário de Minas*, em Belo Horizonte, onde o autor, à época, trabalhava como redator. À frente da publicação estão CDA (que escreve o editorial do primeiro número, intitulado “Para os céticos”), Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo. Mas a publicação atinge apenas três números.

O grupo de escritores mineiros contemporâneos do autor também suscitou uma discussão sobre o nacionalismo, tanto na esfera da criação quanto da crítica:

De uma forma ou de outra, o grupo modernista mineiro se posicionou diante do nacionalismo: de uma colocação mais ou menos explícita nos artigos do DM [Diário de Minas] para tomada de posições claramente manifestárias nos artigos de *A Revista*, e para uma influência posterior na consolidação da mineiridade. [...]. O nacionalismo do grupo pode ser percebido principalmente nas críticas literárias, em certos trechos de crônicas. A busca da identificação escritor/ natureza e a temática da natureza exuberante e luxuriosa como traço definidor de brasilidade aparecem nos seus comentários e poemas [...] (CURY 117).

Os textos de Carlos para o *Diário de Minas* permitem identificar elementos contraditórios e um anseio de universalização, uma vontade de ultrapassar o lirismo individual. Além de textos ainda de influência simbolista, evidenciados por seus artigos no *Diário de Minas*, Carlos vive nos anos 1920

uma fase de intensa transformação em suas propostas teóricas e literárias, nas quais a correspondência com Mário de Andrade tem papel pedagógico.

É no período posterior a novembro de 1924, ou seja, exatamente quando se dá a discussão mais intensa sobre nacionalismo entre Carlos e Mário, que Moraes (2003) identifica como época em que se consolida o desejo de ser “útil”, do escritor paulista, mencionado em suas cartas para Manuel Bandeira. Dessa maneira, no contato epistolar de MA, sobretudo com jovens escritores, artistas plásticos e músicos, “a carta se torna ostensivamente o lugar privilegiado de difusão dos fundamentos de um nacionalismo de cunho crítico” (58-9). Tal “perspectiva didática” é uma espécie de “plano de sedução intelectual” (58) de MA para com seus correspondentes, teoria justificável pela monumentalidade da correspondência do autor (“Eu sofro de gigantismo epistolar”, avisou ele em sua primeira carta dirigida a Carlos, em novembro de 1924). “Carta, para o autor de *Macunaíma*, é o lugar de experiência e partilha, além do terreno do desvelamento do eu, da (auto) biografia, inerentes a esse gênero testemunhal” (59)

Uma dimensão particularmente sutil na escrita epistolar de MA, citada por Moraes (59), é o caráter de “encenação” desse “eu epistolar”, que forja uma “ilusão de presença” - termo emprestado de Geneviève Haroche-Bouzinac (1995) -, transferindo para a carta “engenhos de cumplicidade” captados da língua falada (59). Na correspondência de MA e Manuel Bandeira, também organizada por Moraes, destaca-se o desvelamento dessa característica em uma carta de 1926, do poeta pernambucano:

Há uma diferença grande entre o você da vida e o você das cartas. Parece que os dois vocês estão trocados: o das cartas é que é o da vida e o da vida é que é o das cartas. Nas cartas você se abre, pede explicação, esculhamba, diz merda, e vá se foder, quando está com a gente é... paulista. Frieza bruma latinidade em maior proporção pudores de exceção (ANDRADE.; BANDEIRA 14).

A contragosto, mesmo dez anos depois, em carta a Murilo Miranda, Mário admitia ser “de uma reserva e duma cerimoniosidade inglesa” (ANDRADE; BANDEIRA 15). Tal circunspeção, se for este o termo mais adequado, surgirá com mais clareza no contato pessoal que MA manteve tanto

com Manuel quanto com CDA, no período em que morava no Rio de Janeiro, nos anos 1930.

Ora, ao iniciar o contato com Mário, aos 21 anos, Carlos fez dessa correspondência, em sua instância mais imediata, um ritual de passagem da escrita poética para uma fase de maior maturidade crítica e autocrítica, que culminaria com a publicação de *Alguma poesia*, em 1930, uma das mais promissoras estreias literárias brasileiras. Sob a influência do autor de *Paulicéia desvairada* (1922), Carlos reviu o caráter passadista de sua produção intelectual e artística, e também passou a fazer sua leitura do Brasil, uma leitura menos afrancesada e convertida em irônico lirismo. No entanto, é no conjunto de cartas que se descobre a valiosa reflexão sobre a literatura brasileira, envolvendo dois grandes autores que transitaram entre vários gêneros, trocando pareceres sobre a própria obra e a realidade nacional em um período fundamental para a consolidação do Modernismo brasileiro.

### **Bibliografia**

Andrade, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de. *Carlos & Mário. Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002. 618 p.

Andrade, Mário de; Bandeira, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização, introdução e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp/ IEB, 2001. 744 p.

Assis, Machado de. *Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. v. III, p. 801-809.

Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 476p.

Bloom, Harold. *A angústia da influência*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

Candido, Antonio. Literatura e Cultura de 1900 a 1945 (panorama para estrangeiro). In: *Literature e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 117-145.

Cury, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: O jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. 240 p.

Haroche-Bouzinac, Geneviève. *L'épistolaire*. Paris: Hachette, 1995.

Hobsbawn, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 230 p.

Jardim, Eduardo. *Mário de Andrade: A morte do poeta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 155 p.

Jobim, José Luís (Org.). *Trocas e transferências culturais: escritores e intelectuais nas Américas*. Niterói, RJ: EDUFF; Rio de Janeiro: De Letras, 2008. 116 p.

Moraes, Marco Antonio. Epistolografia e projeto nacionalista em Mário de Andrade. *Gragoatá*, Niterói, n.15, p. 55-67, 2º. sem. 2003.

----- . *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EdUSP; Fapesp, 2007.

Perrone-Moisés, Leyla. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 2007. 245 p.